

AS NOVAS NOMENCLATURAS PARA AS CONSTRUÇÕES DAS CIDADES: ABORDAGENS E ABRANGÊNCIAS CONCEITUAIS

RESUMO

Nas últimas décadas, verifica-se na mídia e no linguajar da comunidade científica, o surgimento de vários termos ligados aos tipos ou mesmo aos modelos de construções de cidades. Assim, indaga-se: quais são as abordagens conceituais das terminologias, apontadas recentemente na literatura, para as modelagens das cidades contemporâneas? Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa é fazer uma revisão da literatura sobre as abordagens conceituais das novas terminologias, apontadas recentemente na literatura, para as modelagens das cidades contemporâneas. Especificamente, analisará as recentes abordagens conceituais dos termos: cidades do futuro; cidades responsáveis; cidades habitáveis; cidades criativas e cidades colaborativas. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, com método misto de análise, abrangendo a análise qualitativa e quantitativa de 1872 documentos, entre os anos de 2010 a 2021. O tratamento dos dados ocorreu por análises de redes bibliométricas, que receberam o suporte digital do *software* Iramuteq. Os primeiros resultados apontaram que os contemporâneos modelos de cidades, apresentam um caráter multidisciplinar, e acabam se conectando em diversos paradigmas; tendo todos um objetivo em comum, o de aprimorar a qualidade de vida de seus cidadãos, unindo forças com o desenvolvimento sustentável. Espera-se que os resultados iniciais possam propor reflexões sobre as novas construções de cidades discutidas na literatura.

Palavras-chaves: Políticas Públicas; Planejamento Urbano; Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

1 INTRODUÇÃO

As cidades, sendo consideradas criações humanas, continuam a enfrentar, ainda nos dias hoje, um conjunto de desafios, igualmente, complexos, pois nela envolvem interesses de diversos agentes e gestores públicos, de atores e demais partes, que buscam atingir seus objetivos materiais e imateriais, de formas objetivas e subjetivas, no curto médio e longo prazos (PINA, 2008). Daí a contínua necessidade em se pensar, estudar e analisar as cidades, ou ainda os ambientes urbanos que as cercam, a partir de quebra de paradigmas de modelos mentais consolidados, abrindo a oportunidade de se construir novas racionalidades (LEFF, 2012).

Sabe-se que os ambientes urbanos estão construídos sobre ecossistemas, comumente de frágeis resiliências, que afetam o ambiente natural de maneiras diversas (ROCHA, 2020). Neles abrigam os interesses de ordens econômica, social, política, jurídica, instrumental. Neles, desenvolvem-se e acumulam-se ativos e passivos com custos econômicos, sociais, ambientais, ecológicos, políticos, institucionais, como bem explica Jacobi (2004), e ultimamente, com riscos de eventos climáticos extremos (BAZAZ, 2018; ONU, 2021), associados às crises humanitárias e sanitárias, que se generalizam em todo o planeta.

Contudo, o alcance dessas pretensões passa, forçosamente, desta vez sob o prisma das dimensões da sustentabilidade (ELKINGTON, 2001; SACHS, 2002), dimensões essas aqui reconhecidas como os princípios do paradigma do Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015; UN-Habitat, 2018), sobretudo as dimensões fincadas no tripé econômico, social e ambiental, coordenadas por organismos supranacionais que estabelecem diretrizes nas governanças globais, num processo dialógico com a academia e com os demais setores do mercado e da sociedade, também conhecida, na literatura como a tríplice hélice (SCHREIBER *et al.*, 2013).

Esses empreendimentos, em nível global com abrangência local, são executados por meio de diversas ações e encaminhamentos dos atores globais para a aplicação de políticas públicas locais, articuladas com programas empresariais para o planejamento das cidades, a exemplo da Carta do Novo Urbanismo (CNU, 2001), da Nova Carta de Atenas – NCA (ECTP, 2003), dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM, 2000), e, mais recentemente, a

Agenda Global 2030, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), que desafiou à sociedade global a atingir os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e mais, ultimamente, de forma complementar com a publicação da Nova Agenda Urbana – NAU (UN-HABITAT, 2018), estrategicamente direcionada para os gestores de políticas urbanas (BAZAZ, 2018).

Sob estas perspectivas globais, com alcance aos territórios locais, no âmbito da academia, novas racionalidades sobre outros modelos de construções de cidades são propostas, nos diversos periódicos e eventos científicos, ao redor do mundo, com diferentes terminologias, para que sejam superadas os desafios propostos pelos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015), a exemplo das cidades sustentáveis (LEITE; AWAD, 2012) e cidades inteligentes (BOUSKELA *et al.*, 2016), já em cursos, das cidades do futuro (KHAN E ZAMAN, 2018), cidades responsáveis (KALANTARI *et al.* 2019); cidades habitáveis (ZUBIR BREBBIA, 2013); cidades criativas (HAUTALA; NORDSTROM, 2019), cidades colaborativas (REALINI; BERCOVICH, 2018).

É a partir destas expectativas de terminologias, acerca ao alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que se apresenta a pergunta central deste estudo: Quais são as abordagens conceituais das terminologias, apontadas recentemente na literatura, para as modelagens das cidades contemporâneas? Sob esta perspectiva, este estudo tem como objetivo geral fazer uma revisão da literatura sobre as abordagens conceituais das novas terminologias, apontadas na literatura, para as modelagens das cidades contemporâneas. Especificamente, serão analisadas as que se evidenciou em publicações mais recentes: cidades do futuro; cidades responsáveis; cidades habitáveis; cidades criativas e cidades colaborativas.

A escolha dessas recentes terminologias deveu-se em função da expectativa criada, por esses autores, quanto à possibilidade de conectividade ou mesmo de interdependência, além da interdisciplinaridade existente entre os aportes teóricos, que as abordagens conceituais possam abranger. Ademais, essas recentes terminologias poderão contribuir para que responsáveis pela gestão das políticas públicas (SECCHI, 2019), concernentes ao planejamento dos ambientes urbanos, também voltado ao bem-estar das pessoas que vivem e passeiam nas cidades e não exclusivamente aos ativos econômicos e mercadológicos que cercam as cidades, em função da atratividade de grande percentual de pessoas.

Acredita-se que os resultados esperados deste estudo possam alcançar dois públicos-alvo. O primeiro são os membros da academia, para que possam ter mais uma comunicação científica, a qual poderá se tornar um texto que eleve às reflexões sobre a temática, que envolve a complexidade do ambiente urbano, os efeitos positivos e negativos derivados do metabolismo urbano, bem como as complexas dimensões que a força da urbe empreende sobre os atores de demais membros da sociedade.

Para tanto, este estudo está constituído em seis seções. Inicia-se por esta parte introdutória, que apresenta a contextualização da problemática, as motivações, a anunciação do problema central da pesquisa, bem como a declaração dos objetivos da pesquisa. Na segunda seção é apresentada a fundamentação teórica da pesquisa. Em seguida, os procedimentos metodológicos são explicados para que os objetivos declarados pudessem ser alcançados. Na terceira seção é apresentada a revisão da literatura pretendida. As considerações finais vêm logo a seguir, para então poder tecer agradecimentos aos apoiadores da pesquisa e, por fim, descrever as referências, cujos autores e respectivas obras permitiram construir uma base teórica para as discussões a serem feitas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, subdividida em cinco sub tópicos, serão discutidos novos modelos de construções de cidades do futuro; cidades responsáveis; cidades habitáveis; cidades criativas; cidades colaborativas. Tem-se como intuito apresentar as abordagens conceituais com público-alvo voltadas à comunidade acadêmica.

2.1 Cidades do Futuro

Nas últimas décadas, o intenso crescimento das cidades, em concomitância com o aumento da demanda por recursos para manter as atividades projetadas aos conglomerados urbanos, vem gerando insustentáveis padrões de vida e consumo (UN-MEA, 2006) e questionáveis qualidade de vida urbana (RIFFAT; POWELL; AYDIN, 2016).

Assim, vários são os estudos que demonstram o impacto de tais ações e os eventos decorridos do mesmo, como por exemplo as mudanças climáticas (DERRIBLE; REEDER, 2015), uso de recursos como hídricos (AHMAD; DERRIBLE, 2015), eventos catastróficos decorridos de ação natural (DERRIBLE, 2017) e até mesmo, da própria ação humana, como terrorismo e a intensificação das desigualdades (ASPRONE; MANFREDI, 2015). Para tanto, Khan e Zaman (p. 218, 2018) apontam.

O planejamento das cidades do futuro, portanto, exige maior atenção não apenas no combate aos efeitos dos fenômenos naturais, como as mudanças climáticas, mas também nas mudanças socioeconômicas e de segurança da realidade urbana.

Nesse contexto, e como aponta Derrible (2017), as cidades do futuro surgem como futuras cidades sustentáveis e resilientes, nas quais empregarão, em conjunto com ações de governança, ações de aprimoramento do planejamento urbano, infraestrutura, inclusão das tecnologias em rede objetivando uma cidade inteligente, gestão, coleta e tratamento de resíduos, como também edifícios verdes. Para tanto, como evidenciado, as cidades do futuro apontam para diversos paradigmas de implementação, não possuindo, portanto, uma definição efetiva (FLINT; RACO, 2012). Assim, no Quadro 1, serão apresentadas algumas segmentações e abordagens em torno deste tópico.

Quadro 1: Estudos segmentados sobre cidades do futuro.

Obra	Preposições com Cidades do Futuro	Nº de citações Google Scholar
Thompson, 2002	Preposições para transformar os espaços abertos em espaços para socialização, contato com a natureza e ecologia, promover a realização de atividades ao ar livre, levando em consideração os aspectos da urbanidade, a fim de melhorar a qualidade de vida do cidadão e da população regional.	1036
Ghaffarian, Dahlan, Berardi, Makaremi, 2013	Desenvolver edifícios verdes, com intuito de corroborar na construção de cidades futuras mais sustentáveis e resilientes, em específico, com relação a eficiência energética e seus desdobramentos.	366
Riffat, Powell, Aydin, 2016	As cidades do futuro devem promover o acesso e qualidade de vida para sua população, para tanto, faz-se necessário a integração massiva do planejamento urbano, com apoio das tecnologias de rede, para contribuir com o bem-estar populacional, assim como controlar de maneira eficiente a emissão dos gases do efeito estufa e a gestão correta de resíduos.	87
Asprone, Manfredi, 2015	Para alcançar as preposições das cidades futuras, é necessário implementar fortemente os paradigmas da resiliência e sustentabilidade. Pois, a união entre ambos os aspectos contribui para minimização de impactos negativos e potenciais desastres tanto na esfera social, ambiental ou econômica, e assim, corroborar na construção das cidades do futuro, interconectadas globalmente.	53

Fonte: Autores, 2021.

Como desmontado, brevemente, no Quadro 1, diversos são os paradigmas em torno das cidades do futuro, vez que abrangem desde a construção de infraestruturas verdes, como também a promoção do acesso e qualidade de vida através do planejamento urbano estratégico; ou então, buscando na promoção de ambientes resilientes frente à possíveis catástrofes naturais, econômicas ou sociais. Além de tais segmentações, ainda pode-se citar como aspectos das cidades do futuro a incorporação agricultura urbana (KISNER, 2011), e o transporte elétrico utilizando energia renovável (MORAES; *et al*, 2015), a fim de corroborar no melhor desempenho da mobilidade urbana e o uso consciente das energias renováveis.

2.2 Cidades Responsáveis

Tendo em vista os processos ocupacionais das cidades, dentre eles o crescimento exponencial da população urbana, na qual aponta para graves desafios tais quais habitação (WHANG; *et al*, 2019), mobilidade urbana (KALANTARI *et al*, 2019), infraestrutura, gestão de resíduos sólidos e hídricos (FERREIRA; *et al*, 2016) qualidade de vida (OKAKA; ODHIAMBO, 2018), segurança alimentar, poluição do ar (CHEN; *et al*, 2019); mudanças climáticas (KALANTARI; *et al*, 2019), ameaças à biodiversidade (GUETTÉ; *et al*, 2017), faz-se necessário a modelagem de cidades ecologicamente, economicamente e socialmente responsáveis.

Nesse contexto, cidades responsáveis apontam para diversos paradigmas, desde a promoção da saúde alimentar de seus cidadãos (WAGGONER, 2006), como também a proteção cibernética (LI; LIAO, 2018), proteção ambiental, proteção a qualidade de vida, promoção do acesso seguro aos espaços da urbe, diminuição das desigualdades, dentre outras iniciativas (OCDE, 2011). Em conjunto com as partes interessadas, desde sociedade, governo e empresas (JENKINS, 2018), torna-se viável a construção de ambientes socio e ecologicamente responsável (ACSELRAD, 2010). Linders (2012, p. 447) define que “o governo detém as primárias responsabilidades, mas os cidadãos influenciam a direção e os resultados, melhorar a consciência situacional do governo, podendo até ajudar a executar os serviços governamentais no dia a dia”.

A complexidade dos conglomerados urbanos diante das mudanças supracitadas intensifica o debate em torno das cidades responsáveis. E nesse sentido, faz-se necessário que os gestores e atores públicos apontem mediadas integradoras sustentáveis e responsáveis a longo prazo, quando se têm a oportunidade de se desenhar novos modelos de construções de cidades (KALANTARI *et al.*, 2019).

2.3 Cidades Habitáveis

O conceito de cidades habitáveis pressupõe crescentes impulsos em promover a qualidade de vida para os seus habitantes (HOLDEN; SCERRI, 2013). Nesse sentido, os gestores e atores públicos, juntamente com as demais partes interessadas nas coisas da urbe, devem propor o desenvolvimento das cidades e o planejamento urbano, com auxílio da ciência e tecnologia (TAN *et al.*, 2020), a fim de corroborar na construção de ambientes mais sustentáveis, resilientes e seguros, como é explicitado no ODS 11 (ONU, 2015). Zubir e Brebbia (2013, p. 1261) definem cidades habitáveis como:

Cidade através de um bom planejamento, oferece um ambiente vibrante, atraente e seguro ambiente para as pessoas viverem, trabalharem e se divertirem e engloba boa governança, um ambiente competitivo economia, alta qualidade de vida e sustentabilidade ambiental.

O termo “habitabilidade” precisa ser analisado de acordo com a região e suas particularidades e são propostas as seguintes variáveis para analisar este índice: a) as vibrações econômicas e competitividade; b) o respeito ao meio ambiente e sustentabilidade; c) segurança doméstica e estabilidade; d) Condições socioculturais e governança política (KHORRAMI, 2021). No Quadro 2, são apresentados os dez princípios, baseados em dois pilares específicos para a construção de uma cidade habitável.

Quadro 2: Proposições para construir uma cidade habitável

Procedimento	Operação
1 Planejamento Mestre Integrado e Desenvolvimento	1.1 Pensar a longo prazo
	1.2 Atuar produtivamente
	1.3 Construir processos flexíveis
	1.4 Executar efetivamente
	1.5 Inovar sistematicamente
2 Governança urbana dinâmica	2.1 Lidar com visão e pragmatismo
	2.2 Construir uma cultura de integridade
	2.3 Cultivar instituições fortes
	2.4 Envolver a comunidade como partes interessadas

Fonte: Baseado no estudo de *Centres for Liveable Cities Singapore's*, 2014, p. 7.

As condições para evolução das cidades para cidades habitáveis parte não somente dos paradigmas estruturais, mas também contam com o desenvolvimento dos aspectos econômicos, sociais e ambientais (TANIGUCHI, 2014). Vez que, em detrimento do aumento das cidades, sem o devido planejamento urbano (ZHENG *et al.*, 2019), vem causando impactos negativos para a vida de seus cidadãos (WANG; *et al.*, 2019), em específico, em torno dos aspectos da mobilidade urbana e transporte (LITMAN, 2010).

2.4 Cidades criativas

Nos últimos anos, conceitos como cidades criativas e indústrias criativas surgiram em discursos acadêmicos e políticos e ganharam grande influência e popularidade, sobrepondo conceitos mais tradicionais e tipicamente legitimados como indústrias culturais, atividades culturais, atividades artísticas ou outras (COSTA; *et al.*, 2008). Com isso, a perspectiva de cidade criativa tem aumentado globalmente devido à crescente intersecção entre política cultural e econômica com o planejamento urbano e governança, desde que as áreas metropolitanas se tornaram os principais motores da economia criativa (O'CONNOR; KONG, 2009).

De uma forma mais abrangente, o conceito de cidades criativas é um padrão de desenvolvimento urbano, que articula as preocupações econômicas e sociais (SCOTT, 2006). De forma complementar, Landry (2009), entende por cidade criativa, um lugar que estimula e incorpora uma cultura de criatividade no modo como os *stakeholders* urbanos atuam. Em concordância, Cong e Cheng (2011) destacam, que a cidade criativa é a chave para promover o desenvolvimento economia cultural, ou seja, a economia do conhecimento.

O contexto urbano é propício a manifestações de criatividade, que podem favorecer processos de mudança, comportamentos mais sustentáveis e uma cultura de colaboração e iniciativas que ocorrem de baixo para cima, denominados por ela lugares criativos, ou aspectos que compõem o território urbano em distintas manifestações da criatividade (FRANQUEIRA, 2010).

Nessa perspectiva, a atmosfera, interação e amenidades em cidades criativas apoiam a criatividade dos indivíduos, o que resulta em novas ideias, inovações e outros resultados valiosos (HAUTALA; NORDSTROM, 2019). Nesse sentido, percebe-se que há alguns segmentos no que se refere aos conceitos de cidades criativas. Com isso, no Quadro 3, serão apresentadas algumas proposições em torno deste tópico.

Quadro 3: Estudos segmentados sobre cidades criativas.

Obra	Proposições com cidades criativas	Nº de citações Google Scholar
Hall, 1998	As cidades criativas existem desde os tempos antigos. A cidade é a cristalização da civilização humana e o berço da cultura. Quase todas as realizações criativas humanas estão relacionadas com a cidade.	2765
Florida, 2005	Em cada cidade a atração de pessoas talentosas e criativas, é fundamental para impulsionar a economia da cidade. Neste contexto, as práticas criativas e artísticas são vistas principalmente como um meio para o desenvolvimento de ambientes atraentes e progressivos.	6311
Landry, 2008	A cidade criativa é um toque de trombetas para estimular abertura mental, imaginação e participação pública. Isso tem um impacto dramático na cultura organizacional. Parte-se do pressuposto que devem ser criadas condições para que as pessoas pensem, planejem e ajam com imaginação para aproveitar oportunidades ou resolver problemas urbanos aparentemente intratáveis. Estes podem variar de respostas à questão dos desabrigados, à geração de riqueza ou à melhoria do ambiente visual. Isso significa que cidades grandes e pequenas podem ser criativas. Cidade criativa é, portanto, um conceito positivo. O pressuposto é que pessoas comuns podem fazer coisas extraordinárias acontecerem, se tiverem uma oportunidade.	6713

Rodrigues, Franco, 2020	Cidades criativas são definidas como lugares pluralistas e multifacetados, caracterizados pela curiosidade, imaginação, criatividade, cultura, conhecimento, inovação e cooperação (redes), com esta afirmação norteando a pesquisa.	11
Orankiewicz, Turala, 2021	Uma cidade criativa é aquela que é capaz de gerar e implementar novas ideias, projetos e inovação. É uma cidade que consegue atrair e reter pessoas e organizações criativas e empreendedoras do setor criativo mundial. Ao mesmo tempo, uma cidade criativa é um lugar onde as pessoas se sentem bem, confortáveis e podem libertar seus talentos e adquirir conquistas de muitas maneiras.	1

Fonte: Autores, 2021.

Entende-se, portanto, que há vários estudos que enumeram os diferentes segmentos para a construção de cidades criativas. Busca-se sempre reivindicar a relevância da criatividade para a cidade, e chama-se atenção para diferentes elementos da vida urbana (REDAELLI, 2011). Sendo assim, o movimento da cidade criativa é caracterizado pela sua multidisciplinaridade, integrando mais diversos campos científicos que engloba as cidades - economia cultural, planejamento urbano, estudos de inovação, estudos culturais, geografia e assim por diante (COSTA; *et al.*, 2008).

2.5 Cidades colaborativas

Em um mundo conectado digitalmente, marcado pelo ritmo acelerado de urbanização, o desenvolvimento de novas tecnologias que melhoram a gestão das áreas metropolitanas e a qualidade de vida de seus residentes, são a chave para mitigação de problemas que possam surgir, além abrir espaço para discussão de novas formas de planejamento de cidades (REALINI; BERCOVICH, 2018).

Diante disso, segundo os mesmos autores, com base nos princípios fundamentais da economia colaborativa - intercâmbio e colaboração - a cidade colaborativa surge com o intuito de conectar os cidadãos com o processo de tomada de decisão em assuntos públicos, proteger o direito para contribuir e compartilhar, e facilitar a troca de aprendizagem e transferência de competências. Franqueira (2010, p. 203), define cidade colaborativa como:

[...] um lugar onde as pessoas interagem e promovem a criação de uma simbiose de atividades que promovam estilos de vida sustentáveis, cidadania ativa, inclusão social, diversidade cultural, riqueza e criação de empregos e modelos econômicos alternativos. É uma cidade onde hierarquias são transversais em vez de verticais, ou seja, onde as autoridades locais (líderes urbanos) criam participação em massa, criatividade de baixo para cima e serviços colaborativos.

Para tanto, é possível observar as conexões entre diversos segmentos da lógica das cidades criativas e das colaborativas. Evidenciando tal afirmativa, Franqueira (2010) entende que uma cidade criativa, quanto à sua dimensão social e sustentável é, mais uma cidade colaborativa, ou seja, uma cidade com núcleos de criatividade, que são constituídas por: serviços sociais; atividades artísticas; e econômicas.

Assim sendo, a cidade colaborativa é um lugar na qual onde as pessoas interagem e atuam criando uma simbiose de atividades, que promovem estilos de vida, cidadania ativa, inclusão social, diversidade cultural e novos modelos econômicos. Ou seja, é uma cidade criativa, conectada e colaborativa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento e delineamento deste estudo acataram as disciplinas sugeridas pelo *Code of Conduct and Best Practice Guidelines for Journal Editors* (COPE, 2011), bem como respeitou as Boas Práticas da Publicação Científica, motivadas pela ANPAD (2017) e seguiram as explicações sobre os procedimentos metodológicos ensinados por Creswell (2016), Mariano e Rocha (2017), Gil (2017) e Marconi e Lakatos (2018). O corpo textual e as citações descritas respeitaram as normas da ABNT (2018).

A fim de alcançar os objetivos propostos, este estudo empregou o uso da pesquisa descritiva (GIL, 2017). Assim como, a técnica mista de análise de dados, reunindo, em conjunto com análise a qualitativa, em que possibilita a organização dos dados selecionados, os elementos quantitativos organizados e sistematizados, como apontam Creswell (2016), Marconi e Lakatos (2018) e Gil (2017).

Inicialmente, trata-se de uma revisão sistemática, como aponta Sampaio (2007), na qual utiliza-se das temáticas de determinada literatura como fonte de dados secundários, evidenciando assim, a etapa qualitativa. De modo complementar, configurando a etapa quantitativa e com objetivo de sistematizar o conhecimento científico (SOARES, 2000), aplicou-se a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), uma vez que ela resulta em análises gráficas e estatísticas acerca dos conteúdos obtidos no levantamento bibliográfico. Sendo assim, caracteriza-se como uma 7 abordagem quantitativa, pois irá medir a frequência em que as palavras do corpus textual aparecem no levantamento de dados (VANTI, 2002). No Quadro 4, estão descritas as etapas que constituem os procedimentos metodológicos utilizados para sistematizar a pesquisa.

Quadro 4 - Etapas metodológicas.

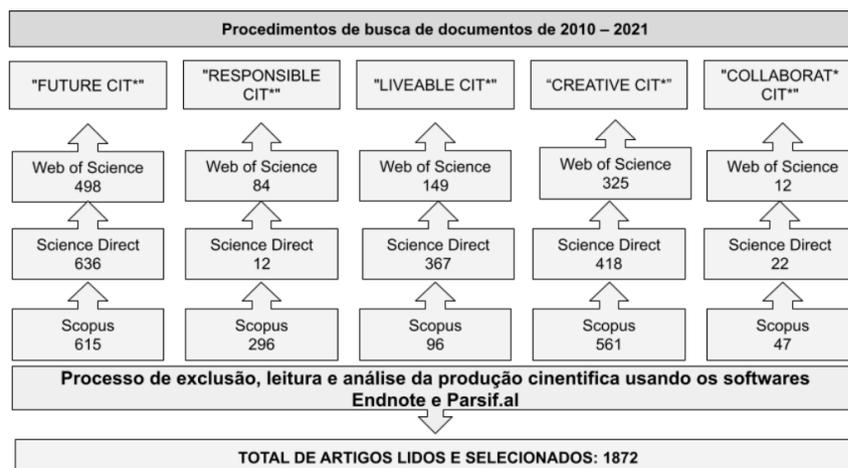
Procedimento	Operação
1 Operacionalização	1.1 Formulação da pergunta
	1.2 Delimitação das bases de dados
	1.3 Definição dos termos de busca
2 Procedimentos de busca	2.1 Filtro: definição de termos por grandes áreas de busca
	2.2 Filtro: delimitação temporal
	2.3 Filtro: delimitação de artigos e análises
3 Procedimentos de seleção e análise da produção científica	3.1 Download das referências das bases de dados
	3.2 Importação, organização e exclusão das referências pelo <i>software</i> Endnote e Parsif.al
	3.3 Descrição e estudo das relações e tendências com auxílio do Software Iramuteq

Fonte: Elaborado pelos autores, baseado em Bufem; Prado *et al.* (2019) e Sampaio e Mancini (2007).

Inicialmente, na etapa de operacionalização, definiu-se a pergunta da pesquisa. Posteriormente, delimitaram-se as bases de dados utilizadas, sendo elas as plataformas Science Direct (Elsevier) e Scopus, consideradas uma das maiores bases de dados multidisciplinares (MONGEON; PAUL-HUS, 2016), em conjunto com Web of Science, na qual se evidencia grande número de periódicos indexados (OESTREICH; *et al.*, 2019), assim como apresenta um padrão na operacionalização das buscas (PINTO; SERRA; FERREIRA, 2014).

Em sequência, foram segmentados os *string* de pesquisa descritos na Figura 1, que variou apenas na base de dados Science Direct (Elsevier), pois ela não aceita o uso de asteriscos para realizar a busca, portanto, a termo ‘CIT*’ foi substituído por ‘CITY’, assim como ‘LIVEABLE’ e ‘COLABORATE’. Também pode-se evidenciar nesta etapa dos procedimentos de busca, que os artigos foram segmentados nas áreas de Ciências Sociais; Ciências da Terra e Planetária; Ciências da Decisão; Negócios, Gestão e Contabilidade; Economia, econometria e finanças; multidisciplinar. Assim como, delimitados temporalmente de 2010 a 2021 e segmentados em artigos de revisões e artigos de pesquisa.

Figura 1: Procedimentos de busca de documentos de 2010 – 2021.



Fonte: Autores, 2021.

Em sequência, para análise e seleção da produção científica, utilizou-se os *softwares* Endnote (BRAMER, *et al.*, 2016) e Pasif.al (KLOCK, 2018) para fazer a exclusão de artigos duplicados, assim como, retirar artigos importados incorretamente e artigos com outro foco textual não compatíveis com as áreas de estudo. Sendo assim, aplicando as etapas descritas acima, obteve-se 1872 artigos selecionados após os procedimentos apontados no Quadro 4 e na Figura 1, unindo as bases Web of Science, Scopus e Science Direct (Elsevier).

Com auxílio da ferramenta IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), em que como aponta Camargo e Justo (2013, p, 516) auxilia para o processamento de dados e promove diferentes modelos de análise textual, tais quais a lexicografia básica e análises multivariadas. Para cumprir com o objetivo proposto, a ferramenta Iramuteq faz a categorização em dois níveis.

São eles: 1) Classificação Hierárquica Descendente (CHD), nas quais buscam criar uma aproximação entre os segmentos de texto com vocabulários parecidos; e 2) Análise Fatorial por Correspondência (AFC), que possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e o resultado trará indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura de um corpus textual.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Unindo as duas etapas já descritas obteve-se o total de 1872 segmentos textuais, compostos por resumos de artigos científicos e análises correspondentes à temática das modelagens de cidades. A ferramenta disponibilizou um total de 360.967 ocorrências, sendo 11.729 palavras identificadas apenas uma vez, no corpus textual (hápx), representando 1,26% das ocorrências.

Ademais, para elaboração dos gráficos sequenciais foram utilizadas as seguintes ordens de palavras: Verbo, Advérbio, Substantivo Comum e Adjetivo. Como resultado de tal segmentação, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), representada pelo dendrograma descrito na Figura 2 classificou 6 clusters de palavras, acoplando 11,7; 21,6%; 17,2%; 15,1%, 21,1% e 13,3% do corpus textual, respectivamente.

Figura 2: Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Modelos de Construção de Cidades																	
Stakeholders (11.7%)			Inovação e Sustentabilidade (21.6%)			Governo (17.2%)			Cidade Criativa (15.1%)			Desafios (21.1%)			Metodologia (13.3%)		
Palavra	%	X ²	Palavra	%	X ²	Palavra	%	X ²	Palavra	%	X ²	Palavra	%	X ²	Palavra	%	X ²
Project	35.18	253.67	Sustainability	59.03	319.13	Political	58.96	266.0	Creative	65.47	1296.82	High	54.75	323.29	Datum	59.46	1006.67
Stakeholders	46.67	236.08	Smart_city	50.69	226.0	Global	48.73	228.65	Cultural	53.09	884.55	Increase	54.2	312.22	Model	44.7	602.22
Citizen	41.38	229.29	Sustainable	48.6	159.04	Neoliberal	81.08	214.05	Creative_city	49.45	620.68	Green	60.61	287.35	Method	51.69	509.91
Smart_city	34.49	228.0	Understand	44.73	154.31	Economic	35.84	189.63	Creative_industries	73.48	490.16	Reduce	70.44	236.47	Propose	42.21	264.05
Collaboration	56.19	203.82	Future	41.58	145.96	Creative_city	36.29	173.33	Creativity	57.1	440.36	Emission	77.24	235.9	Index	66.04	257.41
Government	36.01	184.37	Technology	69.79	132.97	Argue	46.53	152.23	Tourism	69.23	331.59	Car	81.73	232.22	Accuracy	93.37	232.97
Participation	49.6	176.48	Technology	46.67	132.73	Art	43.23	130.52	Identity	72.17	295.59	Pollution	88.1	228.22	Simulation	74.19	199.85
Research	25.48	168.79	Future_city	53.21	131.59	Artist	57.55	122.77	Culture	48.91	253.22	Low	58.89	222.98	Predict	70.0	195.77
Smart	37.64	118.44	Concept	44.28	127.37	State	42.37	120.1	Creative_class	61.79	211.73	Transport	50.62	219.12	Base	29.01	187.72
Interview	38.32	116.9	Issue	47.19	120.99	Policy	29.06	116.43	Tourist	69.77	202.19	effect	53.33	213.31	Prediction	78.0	181.74
Collaborative	51.32	116.63	Challenge	43.44	114.19	Discourse	49.04	113.92	Heritage	63.55	198.03	Air	76.42	197.04	Obtain	60.87	181.47
Involve	41.18	116.31	Approach	38.01	113.15	Decade	51.54	109.36	Unesco	86.67	180.55	Population	54.51	191.31	Temporal	66.22	180.32
Public	26.11	115.4	Need	44.79	107.08	Century	64.71	108.74	Capital	49.73	174.36	Heat	86.11	184.22	Information	40.84	176.11
University	46.34	96.29	Practice	41.98	103.61	Post	54.05	107.33	Worker	58.04	162.86	Water	59.9	181.9	Test	50.0	174.69
Platform	46.34	96.29	Paper	32.23	94.99	Economy	39.19	103.99	Creative_economy	61.29	156.2	Traffic	74.76	180.1	Algorithm	81.4	173.02
Department	73.08	95.25	Transition	53.74	91.06	Politics	60.56	94.64	Attract	60.92	143.7	Temperature	92.86	174.27	Collect	58.16	172.03
Engagement	43.96	92.75	Think	61.96	89.33	Crisis	58.9	90.02	Information_and_communication_technology	51.94	138.32	Vehicle	58.85	167.78	Detection	100.0	169.33

Fonte: Autores, 2021.

Nesta análise, evidenciou-se que a classe que envolve as cidades criativas, na qual engloba os aspectos cultural e artístico da cidade, e são capazes de gerar e estimular núcleos econômicos, além de maior atração e participação da sociedade na geração de valor tangíveis e intangíveis (FLORIDA, 2005). No *cluster* Governo, destacado pela cor cinza, aponta-se ações voltadas ao planejamento urbano e governança, apresentando como uma continuidade a economia criativa. Ainda assim, as cidades habitáveis, no contexto de planejamento e ordenamento das cidades, apontam para soluções práticas das mazelas urbanas (HOLDEN; SCERRI, 2013), buscando coordenar a boa governança com tecnologia, a fim de promover a melhor qualidade de vida populacional, como ensinam Tan *et al.* (2020). Ainda assim, tais paradigmas refletem acerca das cidades sustentáveis (LEITE; AWAD, 2012) em que apontam para o desenvolvimento urbano integrado a uma agenda alinhada com os paradigmas do desenvolvimento sustentável (HASSAN; LEE, 2014; ONU, 2015).

Os desafios enfrentados na construção das cidades contemporâneas são representados pela cor azul, nela é possível observar os problemas que surgem pela crescente concentração nos conglomerados urbanos (UNDESA, 2018). Para tanto, como método de solucionar tais obstáculos, o *cluster* Metodologia, aponta os estudos urbanos para ao gerenciamento da infraestrutura, assim como aponta as cidades responsáveis (KALANTARI *et al.*, 2019), em que integram em conjunto com o desenvolvimento (OCDE, 2011), a busca por um espaço urbano responsável frente aos desafios urbanos, dentre eles a mobilidade (FERREIRA; *et al.*, 2016).

A analogia entre cidades inteligentes e sustentáveis e cidades do futuro encontra-se no cluster Inovação e Sustentabilidade, observa-se o debate em torno do uso e implementação das tecnologias de informação e comunicação (ABDALA *et al.*, 2014; ARROUB *et al.*, 2016) para corroborar na tomada de decisão dos atores públicos (PINHEIRO *et al.*, 2020), alinhada com paradigmas de sustentabilidade (SACHS, 2002), caracterizando-se também como uma cidade do futuro (KHAM; ZAMAN, 2018). Por fim, o cluster azul ciano, explica a participação dos diversos *stakeholders* intrínsecos às proposições da construção de cidades de forma colaborativa, e apresenta a conexão dos cidadãos às tomadas de decisão.

A Figura 3 traz, de forma categorizada, os elementos da Análise Fatorial por Correspondência (AFC). No quadrante inferior esquerdo, representado pela união entre cidades criativas e governo, aponta a promoção de ambientes mais criativos e abertos para cocriação de inovadores modelos de cidades, com apoio e suporte dos agentes e tomadores de decisão, sendo o governo. Como apresentado por Costa *et al.* (2008) e Hall (1998), as cidades criativas surgem

6 CONCLUSÕES

Este estudo objetivou analisar, de maneira sistemática, os estudos científicos, em periódicos indexados, acerca dos contemporâneos modelos de cidades, sendo: cidades do futuro; cidades responsáveis; cidades habitáveis; cidades criativas e cidades colaborativas. Esta, sistematizou estudos equivalentes as bases de pesquisa Scopus, Web of Science e Science Direct (Elsevier). Através dos procedimentos metodológicos aplicados, em conjunto com a aplicação do software Iramuteq, Parsif.al e Endnote, alcançou-se o objetivo declarado, inicialmente.

Pode-se observar que os contemporâneos modelos de cidades, mesmo com suas excepcionalidades, buscam aprimorar a qualidade de vida de seus cidadãos, unindo forças com o desenvolvimento sustentável pautado em diferentes paradigmas. As cidades do futuro apontam para construção de espaços resilientes, frente as mudanças climáticas e eventos decorridos da ação humana, como terrorismo. Assim, a fim de solver tal problemática, conta com auxílio de processos tecnológicos integrado a boa governança, busca promover a eficiência no uso de seus recursos.

As cidades responsáveis, por sua vez, apontam para os paradigmas intrínsecos a governança, e a união com os diversos stakeholders em torno das problemáticas urbanas, como mobilidade, infraestrutura, biodiversidade, inclusão, qualidade do ar e da água e mudanças climáticas. As cidades habitáveis apontam para as problemáticas intrínsecas de cada conglomerado, levando em consideração as relações socioculturais, como também a competitividade econômica e sustentabilidade ambiental, a fim de promover um ambiente agradável e atrativo para novos moradores e investidores.

As cidades criativas articulam as preocupações econômicas e sociais, estimulando a inovação e criatividade dos indivíduos nos centros urbanos, assim como, promove a união dos *stakeholders* para dar suporte a boa governança. As cidades colaborativas visam incorporar os cidadãos da urbe no processo de tomada de decisão dos agentes públicos, gerando participação e promoção de diferentes estilos de vida, cidadania ativa, inclusão social, diversidade cultural e novos modelos econômicos.

Assim, as cidades contemporâneas apresentam características específicas, mas sempre buscam, como fim último, mitigar os impactos negativos, advindos do processo de urbanização, na qualidade de vida dos seus habitantes e o meio no qual residem, levando em consideração biodiversidade, recursos e uso eficiente do solo. Espera-se que este trabalho contribua para o incremento do conhecimento científico em torno das reflexões e paradigmas de novos modelos de cidades, em especial, no Brasil, sendo esta, uma grande ferramenta para solubilizar os desafios anunciados pela Organização das Nações Unidas, contribuindo no processo de tomada de decisão dos agentes, gestores públicos, atores

Dentre os desafios enfrentados, há de se apontar, a escassez de artigos sobre alguns dos segmentos abordados, por conta de sua discussão ainda ser muito recente. Para os próximos estudos são sugeridas atenções relativas ao aprofundamento campos de estudos e especificamente, apontar para os princípios que são mútuos entre os modelos de cidades contemporâneas.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem e reconhecem que o alcance dos objetivos declarados, neste estudo, deveu-se, também, graças ao apoio estrutural e científico da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), combinado com o apoio financeiro próprio da UFMS e da CAPES/MEC, instrumentalizados pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC), no período de 2020-2021.

REFERÊNCIAS

ABDALA, L.; SCHREINER T.; COSTA, E.; SANTOS, N. Como as cidades inteligentes contribuem para cidades sustentáveis: uma revisão sistemática da literatura. **International**

Journal of Knowledge Engineering and Management, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 98-120, mar./jun. 2014.

ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento de justiça ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 103-120. 2010.

AHMAD, N.; DERRIBLE, S. Evolution of public supply water withdrawal in the USA: A network approach. **Journal of Industrial Ecology**, v. 19, n. 2, p. 321-330. 2015.

ARROUB A.; ZAHY B.; SABIR E.; SADIK M. A literature review on Smart Cities: Paradigms, opportunities and open problems. International Conference on Wireless **Networks and Mobile Communications (WINCOM)**, v. 1, p. 180-186. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **ABNT NBR 6023** – Informação e documentação – Referências – Elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: análise reflexiva das relações com o Turismo. In: DUSAN S. (org.). **Inovação e Aprendizagem Organizacional**. Novo Hamburgo: Feevale.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO (ANPAD). **Boas Práticas da Publicação Científica: Manual para autores, revisores, editores e integrantes de corpos editoriais**. Versão 2.01. EnANPAD, Curitiba, 2017.

ASPRONE, D.; MANFREDI, G. Linking disaster resilience and urban sustainability: a global approach for future cities. **Disasters**, v. 39, n. 1, p. 96-111. 2015.

BARDAL, K. G.; Jørgensen, F. Valuing the risk and social costs of road traffic accidents – seasonal variation and the significance of delay costs. **Transport Policy**, 57, 10-19. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.

BAZAZ, A.; *et al.* **Summary for urban policymakers: What the IPCC Special Report on global warming of 1.5°C means for cities, 2018**. IHHS Indian Institute for Human Settlements, Bengaluru. India. DOI: <https://doi.org/10.24943/SCPM.2018>.

BIBRI, S. E.; KROGSTIE, J. Smart sustainable cities of the future: An extensive interdisciplinary literature review. **Sustainable Cities and Society**, v. 31, p. 183-212. 2017.

BOUSKELA, M.; *et al.* **Caminho para as Smart Cities: da gestão tradicional para a cidade inteligente**. BID, 2016.

BRADFORD, Neil. **Creative cities structured policy dialogue background**. Ottawa: Canadian Policy Research Networks, 2004. Disponível em:

https://works.bepress.com/neil_bradford/53/download/. Acesso em: ago. 2021

BRAMER, Wichor M. *et al.* De-duplication of database search results for systematic reviews in EndNote. **Journal of the Medical Library Association: JMLA**, v. 104, n. 3, p. 240, 2016.

BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Revista Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)**, Brasília (DF), v. 34, n. 2. 2006.

CALVILLO, C. F.; SÁNCHEZ-MIRALLES, A.; VILLAR, J. Energy management and planning in smart cities. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 55, p. 273-287. 2016.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análises textuais. **Temas em psicologia**, v.21, n. 2. 2013.

CENTRES FOR LIVEABLE CITIES SINGAPORE'S. **LIVEABLE & SUSTAINABLE CITIES A FRAMEWORK**. Singapore: Singapore and Civil Service College, 2014.

Disponível em: <https://www.clc.gov.sg/docs/default-source/books/clc-csc-liveable-sustainable-cities.pdf>. Acesso em: ago/2021.

CHEN, Z.; *et al.* Centralized water reuse system with multiple applications in urban areas: Lessons from China's experience. Resources, **Conservation and Recycling**, v. 117, p. 125-136. 2017.

CHEN, Q. *et al.* Seasonal characteristics and health risks of PM_{2.5}-bound organic pollutants in industrial and urban areas of a China megacity. **Journal of environmental management**, v. 245, p. 273-281. 2019.

COSTA, P.; *et al.* On 'creative cities' governance models: a comparative approach, **The Service Industries Journal**, 28:3, 393-413. 2008.

CONG H., CHEN, Y. The theory construction & planning practice of creative city. **International Conference on Electric Technology and Civil Engineering (ICETCE)**, pp. 1789-1792, 2011. DOI: 10.1109/ICETCE.2011.5774422.

CONGRESS FOR THE NEW URBANISM (CNU). **Carta do Novo Urbanismo**. Disponível em: https://www.cnu.org/sites/default/files/cnucharter_portuguese.pdf. Acesso em: jul. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre (RS): Artmed: Bookman, 2016.

CUI, X. How can cities support sustainability: A bibliometric analysis of urban metabolism. **Ecological indicators**, v. 93, p. 704-717. 2018.

DE PAULA VIEIRA, D. A.; LEMOS, L. S.; PEIXOTO, M. A. PROEJA—educação de jovens e adultos: análises bibliométrica da produção científica da base de dados Web of Science utilizado a ferramenta VosViewer. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 45583-45598, 2021.

DEPARTAMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ASSUNTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS (UNDESA). **World urbanization prospects 2018. Percentage of population at mid-year residing in urban areas by region, subregion, country and area, 1950-2050**, 2018. Disponível em: https://population.un.org/wup/Download/Files/WUP2018-F02-Proportion_Urban.xls. Acesso em: set. 2021.

DERRIBLE, S. Complexidade nas cidades do futuro: a ascensão da infraestrutura em rede. **International Journal of Urban Sciences**, v. 21, n. 1, p. 68-86. 2017.

ELKINGTON, J. **Canibais com garfo e faca**. São Paulo: Makron Books, 2001.

ENGEL, V.; ALMEIDA, G. G. J. O papel do capital humano e da inovação tecnológica na perspectiva das cidades sustentáveis. **Revista Científica Digital - Comunicação e Turismo**, v.3, n.2. 2017.

EUROPEAN COUNCIL OF SPACIAL PLANNERS (ECTP). The New Charter of Athens. Disponível em: <https://ectp-ceu.eu/>. Acesso em: jul. 2021.

FERREIRA, A. J. D. *et al.* Roads as sources of heavy metals in urban areas. The Covões catchment experiment, Coimbra, Portugal. **Journal of Soils and Sediments**, v. 16, n. 11, p. 2622-2639. 2016.

FLINT, J.; RACO, M. **The future of sustainable cities: Critical reflections**. The Policy Press, Bristol, 2012.

FLORIDA, R. **Cities and the Creative Class**. New York: Routledge, 2005.

FRANQUEIRA, Teresa. Creative Places for Collaborative Cities: Proposal for the 'Progetto Habitat e Cultura' in Milan, **The Design Journal**, vol. 13, Issue 2, p. 199-216. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOLANY, G. **New-town planning: Principles and practice**. New York, NY: Wiley, 1976.

GUANILO, M. C. D. T. U; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 5, p. 1260-1266. 2011.

GUETTÉ, A. *et al.* Measuring the synanthropy of species and communities to monitor the effects of urbanization on biodiversity. **Ecological Indicators**, v. 79, p. 139-154. 2017.

HALL, P. **Cities in civilization**. New York: Pantheon Books, 1998.

HAUTALA, J.; NORDSTROM, P. Creative city, mobility, and creativity: Finnish artists in Berlin, **Mobilities**, 4:6, 859-874. 2019.

HILBERSEIMER, L. **The new city: Principles of planning**. Chicago, IL: Paul Theobald, 1944.

HOLDEN, M; SCERRI, A. Mais do que isso: a habitável Melbourne encontra a habitável Vancouver. **Cidades**, v. 31, p. 444-453. 2013.

JACOBI, P. **Impactos socioambientais urbanos – do risco à busca de sustentabilidade**. In: MENDONÇA, Francisco. **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba, Ed. UFPR, 2004.

JENKINS, B.R. Application of sustainability framework Water Management in New

- Zealand's Canterbury Region, **Springer**, v. 19, 2018.
- KALANTARI, Z. *et al.* Meeting sustainable development challenges in growing cities: Coupled social-ecological systems modeling of land use and water changes. **Journal of environmental management**, v. 245, p. 471-480. 2019.
- KHAN, S.; ZAMAN, A. U. Future cities: Conceptualizing the future based on a critical examination of existing notions of cities. **Cities**, v. 72, p. 217-225. 2018.
- KHORRAMI, Z. *et al.* Measuring Liveability in Iranian Cities Using the Global Liveable City Index (GLCI). **Health Scope**, v. 10, n. 2. 2021.
- KISNER C, Developing a Sustainable Food System. **City Practise Brief. National League of Cities, Centre for Research and Innovation**, Washington, 2011.
- KLOCK, A. C. T. Mapeamentos e revisões sistemáticos da literatura: um guia teórico e prático. **Cadernos de Informática**, v. 10, n. 1, p. 01-09, 2018.
- League of Cities, **Center for Research and Innovation**, Washington (DC), 2011.
- LANDRY, C. The creative city – a tollkit for urban innovators. Londres: **Routledge**, v. 2, 2008.
- LEITE, C; AWAD, J. D. C. M. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Rio de Janeiro. Bookman. 2012.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2010.
- LEFF, E. Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Rio de Janeiro: Editora: Vozes, 2012.
- LINDERS, D. From e-government to we-government: Defining a typology for citizen coproduction in the age of social media. **Government Information Quarterly**, v. 29, n. 4, 446-454. 2012.
- LITMAN, T. Measuring Transportation: Traffic, Mobility and Accessibility. **ITE Journal**, v. 73, n. 10, p. 28-32. 2010.
- LI, Z.; LIAO, Q. Economic solutions to improve cybersecurity of governments and smart cities via vulnerability markets. **Government Information Quarterly**, v. 35, n. 1, p. 151-160. 2018.
- LIU, S. *et al.* Predicting long-term monthly electricity demand under future climatic and socioeconomic changes using data-driven methods: A case study of Hong Kong. **Sustainable Cities and Society**, v. 70, p. 102936. 2021.
- LIU, Z. *et al.* Heat mitigation benefits of urban green and blue infrastructures: A systematic review of modeling techniques, validation and scenario simulation in ENVI-met. **Building and Environment**, v. 4, p. 107939. 2021.
- LOPES, R. **A cidade intencional: o planejamento estratégico de cidades**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 1998.
- MADEIRA, M. G. **Economia Criativa**. Implicações e desafios para a política externa brasileira. Brasília: FUNAG, 2014.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 8. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2018.
- MARIANO, A. M.; ROCHA, M. S. Revisão da literatura: apresentação de uma abordagem integradora. In: **AEDEM International Conference** p. 427-442. 2017.
- MONGEON, Philippe; PAUL-HUS, Adèle. The journal coverage of Web of Science and Scopus: a comparative analysis. **Scientometrics**, v. 106, n. 1, p. 213-228, 2016.
- O'CONNOR, J.; KONG, L. **Creative economies, creative cities: Asian-European perspectives**. New York, NY, 2009.
- OESTREICH, L.; TORRES, T.; PEREIRA, B. M.; RUIZ-PADILLO, A. Revisão bibliográfica sobre as variáveis associadas aos componentes do tráfego que influenciam a segurança viária

nos entornos escolares. **Revista Ciência e Natura**, v. 42, Special Edition, e. 7, 2020.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **17 Objetivos para Transformar o Nosso Mundo (ODS)**. 2015. Disponível em <https://unicrio.org.br/pos2015/>. Acesso em: ago. 2021.

_____. **Objetivos do Desenvolvimento do Milênio - ODM**. 2000. Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>. Acesso em: jul. 2021.

_____. **Population Facts**, 2018. Disponível em: https://population.un.org/wup/Publications/Files/WUP2018-PopFacts_2018-1.pdf. Acesso em: ago. 2021.

_____. News/Perspectiva Global e Reportagens Humanas. 2021. **Emergência Climática**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/tags/emergencia-climatica>. Acesso em: abr. 2021.

OKAKA, F. O.; ODHIAMBO, B. Relationship between flooding and out break of infectious diseases in Kenya: a review of the literature. **Journal of environmental and public health**, 2018.

ONU-HABITAT – Programa das Nações Unidas para os assentamentos humanos. **Nova Agenda Urbana**. 2017. Disponível em: <http://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Portuguese-Brazil.pdf?>. Acesso em: jul. 2021.

ORANKIEWICZ, A, TURALA, M. Exploring paths to creative city emergence. The example of three Polish cities. **Reg Sci Policy Pract**, v. 13: pp. 659– 672, 2021. DOI: <https://doi-org.ez51.periodicos.capes.gov.br/10.1111/rsp3.12394>.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Effective modelling of urban systems to address the challenges of climate change and sustainability**, OECD Global Science Forum (2011).

PINTO, C. F.; SERRA, F. R.; FERREIRA, M. P. A bibliometric study on culture research in International Business. **Brazilian Administration Review**, v. 11, n. 3, p. 340-363. 2014.

PINA, S. A. M. G. Habitar [n]a cidade: Um olhar para o território. In: **RUTKOWSKI, Emília Wanda. Mudanças Climáticas e Mudanças Sociambientais Globais: Reflexões sobre alternativas do futuro**. Brasília: Organização das Nações Unidas para a educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2008.

PINHEIRO, L. K. S.; BOTTON, G. Z.; VIDA, E. T.; VASCONCELOS, A. M.; JESUS-LOPES, J. C. As cidades inteligentes e a gestão do trânsito: Proposições para a mitigação dos acidentes de trânsito. In: **Anais... XXII ENGEMA**. Universidade de São Paulo (USP/SP). São Paulo, 2020.

PURVIS, B.; MAO, Y.; ROBINSON, D. Three pillars of sustainability: in search of 16 conceptual origins. **Sustainability Science**, v. 14, n. 3, p. 681-695. 2019.

REDAELLI, E. Analyzing the “creative city” governance: Relational processes in Columbus, Ohio, **City, Culture and Society**, v. 2, n. 2, p. 85-91. 2011.

REALINI, G. G.; BERCOVICH, F. **Urban transport in the sharing economy era: collaborative cities**. 2018. Disponível em: https://www.cippecc.org/wp-content/uploads/2018/09/UrbanTransport-completo-web_CIPPEC.pdf. Acesso em: ago. 2021.

RIFFAT, S.; POWELL, R.; AYDIN, D. Future cities and environmental sustainability. **Future cities and Environment**, v. 2, n. 1, p. 1-23. 2016.

RODRIGUES, M.; FRANCO, M. Networks and performance of creative cities: A bibliometric analysis. **City, Culture and Society**, v. 20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2019.100326>.

ROCHA, M F. **Ecologia urbana**. Curitiba: Contentus, 2020.

SACHS, Y. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro. Garamond, 2002.

SCHREIBER, Dusan; *et al.* Posicionamento estratégico de MPE’S, com base na inovação através do modelo Hélice Triplíce. **Revista Eletrônica de Administração – REAd**. e. 76, n. 3, p. 767-795. 2013.

- SAMPAIO, R.C; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89. 2007.
- SANTOS, J. F. F. **As Cidades Criativas Como Modelo Dinamizador Do Destino Turístico**. Tese (Mestrado em Gestão) - Escola Superior de Gestão de Tomar. Instituto Politécnico de Tomar, Tomar (Brasil), 2012.
- SCOTT, A. J. Creative Cities Conceptual Issues and Policy Questions. **Journal of Urban Affairs**, 28, 1-17. 2006.
- SECCHI, L. **Políticas públicas conceitos, casos práticos, questões de concursos**. 3. São Paulo: Cengage Learning, 2019.
- SILVA, E. J.; JESUS-LOPES, J. C.; PADGETT, R. C. M. L.; FIGUEIREDO, J. C.; BINOTTO, E.; SILVA, F. F. O uso de energia elétrica nas Universidades Federais Brasileiras, sob o enfoque do Plano de Gestão de Logística Sustentável. **Ciência e Natura**, v. 41, e 8, p. 01-17. 2019. DOI: 10.5902/2179460X36296.
- TAN, K. G.; LIM, T. O; ZHANG Y.; TAN I. **Global liveable and smart cities index**. World Scientific Publishing Company, Singapore, 2020.
- TANIGUCHI, E. Concepts of city logistics for sustainable and liveable cities. **Procedia-social and behavioral sciences**, v. 151, p. 310-317. 2014.
- UN-MEA. **A avaliação do ecossistema do milênio da ONU**. Relatório, 2006. Disponível em: <http://www.publications.parliament.uk/pa/cm200607/cmselect/cmenvaud77/77.pdf>. Acesso em ago. 2020.
- _____. Visualizing bibliometric networks - Measuring Scholarly Impact. **Springer, Cham**, 285-320. 2014
- VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da informação**, v. 31, n. 2, p. 152-162, 2002.
- VEIGA, J. E. D. Saúde e Sustentabilidade. **Estudos avançados**, v. 34, n. 99. 2020.
- VIDA, E.; JESUS-LOPES, J. C. Cidades Sustentáveis e Inteligentes: Uma análise sistemática da produção científica recente. **Revista E-Locução**, v. 17, n. 9. 2020.
- WAGGONER, P. E. How can EcoCity get its food?. **Technology in Society**, v. 28, n. 1-2, p. 183-193. 2006.
- WANG, G.; HAN, Q.; VRIES, B. Assessment of the relation between land use and carbon emission in Eindhoven, **The Netherlands J. Environ. Manag**, v. 247, p. 413-424. 2019.
- ZHENG, W.; KE, X.; XIAO, B.; ZHOU, T. Optimising land use allocation to balance ecosystem services and economic benefits - a case study in Wuhan, China. **J. Environ. Manag**, v. 248, p. 109306. 2019.
- ZUBIR, S. S.; BREBBIA, C. A. The Sustainable City VIII: Urban Regeneration and Sustainability. **WIT Press**, v. 2, 2013.